



# KPMG 2021 CEO Outlook

## Energia - América do Sul

---

Energia e  
Recursos Naturais

Novembro de 2021

[kpmg.com](https://kpmg.com)

# Sumário

## Introdução

03

## Resultados e tendências relevantes obtidos do setor de energia na América do Sul

04

## Considerações finais

12

Legenda dos botões



Ir para o sumário



Retroceder - Adiantar



Ver mais informações

Esta publicação foi produzida pelos sócios-líderes do setor em conjunto com a equipe de Marketing e Comunicação da KPMG na América do Sul.

### **Conteúdo e Aspectos Técnicos:**

Manuel Fernandes

### **Análises e Redação:**

Matias Cano // Ricardo Lima

### **Diagramação:**

Alexander Buendía // Marianna Urbina

### **Coordenação:**

Elizabeth Fontanelli // Florencia Perotti

# Introdução

## O setor energético sul-americano diante de uma oportunidade de mudança

Embora estejam muito confiantes na recuperação e crescimento de suas empresas e do setor nos próximos três anos, os CEOs das principais organizações de energia da América do Sul demonstram uma preocupação crescente com os riscos impostos pelas mudanças climáticas, novas regulamentações, tecnologias emergentes, funcionamento das cadeias de suprimentos e impactos possíveis na reputação da marca.



A economia sul-americana ainda sente os efeitos econômicos e sociais de quase dois anos marcados pela pandemia da covid-19. Conforme destacado em um relatório da KPMG na América do Sul em 2020<sup>1</sup>, a crise sanitária teve um forte impacto negativo sobre a atividade econômica, os níveis de exportação e a demanda externa por produtos básicos e de turismo – dos quais depende a maior parte de suas economias. Essa situação se somou aos efeitos de crises pré-existentes e de falta de crédito. Embora até o final de 2021 o Fundo Monetário Internacional (FMI) estime um salto significativo na taxa de crescimento econômico da região, que pode se aproximar de 3% (partindo de uma queda de 9% em 2020), acredita-se que isso não será suficiente para superar o impacto socioeconômico da crise ou para ajudar a resolver parte dos problemas estruturais crônicos que a região enfrenta. **Em resumo, o continente deve enfrentar uma recuperação lenta.**

No nível setorial, as diferentes indústrias que compõem o tecido produtivo da região registrarão avanços e recuperações desordenadas, que dependerão em grande parte da profundidade do impacto da crise sanitária, do comportamento dos elos de suas cadeias de valor e, logicamente, da demanda por seus produtos e serviços. Assim como o setor de consumo e varejo ou de turismo enfrentam uma situação um pouco mais complexa do que os setores de produção primária, beneficiados pela reativação global e, principalmente, pelos países da Ásia (China, por exemplo), em função da demanda por *commodities* e matérias-primas, o setor de energia, que gera o combustível necessário para o bom funcionamento das economias e de suas áreas produtivas, está entre os últimos. No entanto, e apesar da recuperação dos preços de energia e dos minerais, os seus principais representantes ainda têm dúvidas e grandes preocupações relacionadas com as mudanças climáticas, o avanço das energias renováveis – e a transição que isso implica para eles – a busca por talentos, o funcionamento de suas cadeias de suprimentos e as novas regulamentações, que aumentam parcialmente seus níveis de incerteza sobre como seus setores irão se desenvolver nos próximos anos.

Essas tendências fazem parte do cenário implícito ao momento em que a pesquisa global *KPMG 2021 CEO Outlook* foi realizada. Na América do Sul, o estudo consultou 260 líderes empresariais de nove países da região (Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia, Equador, Peru, Uruguai e Venezuela), entre 28 de junho e 30 de julho de 2021, para entender suas preocupações, prioridades e estratégias para os próximos três anos. Entre os entrevistados, um grupo de 22 CEOs sul-americanos liderava empresas pertencentes ao setor de energia e recursos naturais (petróleo e gás, energias renováveis e serviços públicos de gás e eletricidade). Neste relatório, apresentamos os destaques para o setor de energia da pesquisa realizada na América do Sul, comparando as respostas dos CEOs sul-americanos com aquelas registradas entre os representantes do setor nos países centrais (133 CEOs de empresas de energia na Austrália, Canadá, China, França, Alemanha, Índia, Itália, Japão, Espanha, Reino Unido e Estados Unidos), e com os resultados obtidos para a América do Sul em todos os setores (ou seja, usando a amostra regional completa de 260 CEOs).

# Resultados e tendências relevantes obtidos do setor de energia na América do Sul

Com o objetivo de conhecer a estrutura da amostra extraída da América do Sul, a pesquisa revelou que mais da metade dos CEOs pesquisados pertencentes ao setor de energia (63%) dirigem empresas com faturamento anual de vendas entre US\$ 500 milhões e US\$ 9,9 bilhões (27% com empresas com faturamento entre US\$ 500 milhões e US\$ 999 milhões, e 36% com faturamento entre US\$ 1 bilhão e US\$ 9,9 bilhões). Já os 36% restantes lideram empresas que superam esse valor, gerando vendas anuais de mais de US\$ 10 bilhões por ano. Paralelamente, em termos do desempenho registrado no último exercício, a **maior parte das empresas sul-americanas do setor energético afirmou ter “aumentado” a sua receita** (45%), enquanto 36% sofreram quedas ou, simplesmente, um mau desempenho.

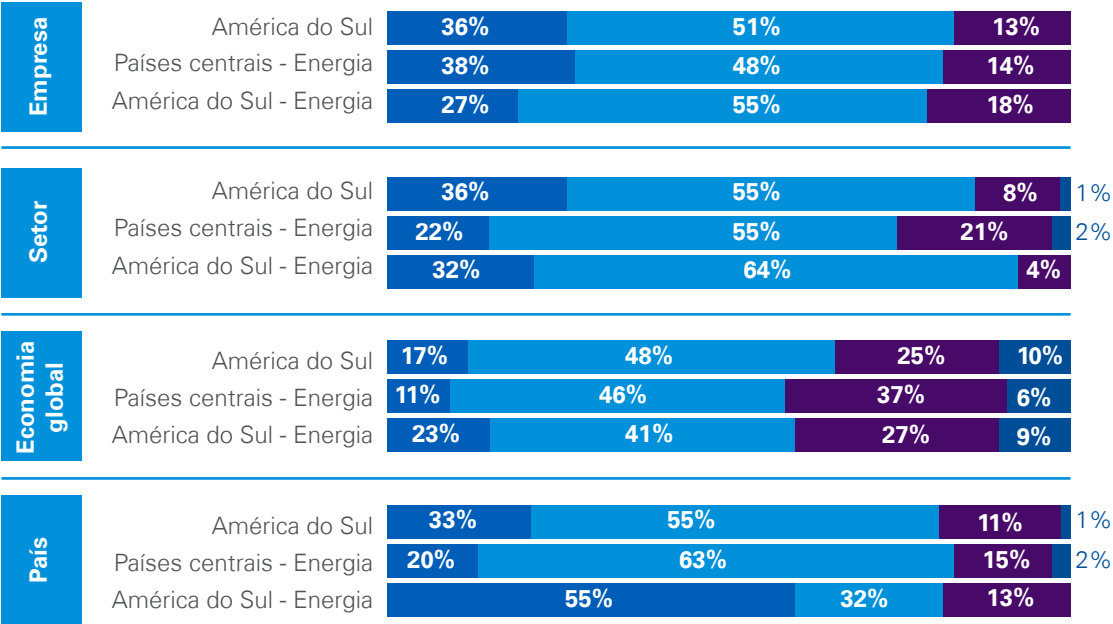
Estes números contrastam fortemente com o que se observa entre as empresas de energia dos países centrais, onde a pesquisa revelou que apenas 29% afirmaram ter registrado um bom desempenho no último ano fiscal, **enquanto alarmantes 56% registraram quedas**. A maioria dos executivos do setor na região da América do Sul pertence ao subsetor de petróleo e gás (77%), enquanto os 23% restantes afirmam exercer suas atividades nos serviços públicos de gás e eletricidade (ou *P&U*, do inglês *Power & Utilities*). Finalmente, em relação aos países que participaram da pesquisa, o **Brasil** foi o país que apresentou o maior número de CEOs deste setor (7), seguido pela **Argentina** (4), **Colômbia** (3), **Equador** (2) e **Peru** (2), enquanto **Bolívia**, **Chile**, **Uruguai** e **Venezuela** forneceram as respostas de um (1) único CEO cada.

Figura Nº 1

## Perspectivas de crescimento dos CEO para suas empresas, economias, setores e a economia global nos próximos três anos.

**Observação:** o grupo “América do Sul” reúne os percentuais obtidos para o total de CEOs sul-americanos que responderam à pesquisa sem fazer distinção entre setores (ou seja, a média regional).

Fonte: elaboração própria com base no KPMG 2021 CEO Outlook.



Muito confiante - Confiante - Indiferente - Não muito confiante - Nem um pouco confiante

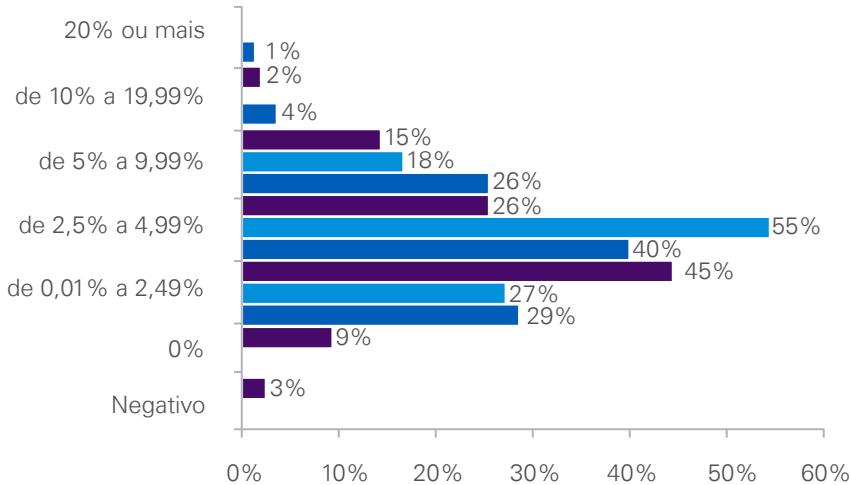
Como pode ser visto na **Figura 1**, os CEOs sul-americanos, de modo geral, estão otimistas com o desempenho que suas empresas, setores e economias apresentarão nos próximos três anos (totais para a América do Sul). No entanto, os CEOs do setor de energia da América do Sul parecem estar mais confiantes no setor em que atuam do que a média regional, **uma vez que 96% dos executivos da região acreditam que o setor de energia terá boas perspectivas de desenvolvimento nos próximos três anos**, até mais do que seus pares nos países centrais indicam (77%). De fato, os altos níveis de confiança dos executivos desse setor também podem ser observados nas taxas de crescimento anual esperadas para o faturamento de suas empresas durante o próximo triênio (**Figura 2**).

De acordo com a pesquisa da KPMG, **enquanto 55% dos líderes regionais que dirigem empresas de energia esperam atingir um aumento da receita entre 2,5% e 4,99% ao ano, 18% esperam ultrapassar essa faixa e atingir valores entre 5% e 10% ao ano**. O interessante desse resultado é que, embora os CEOs da América do Sul acompanhem em média esses níveis de crescimento esperados, independentemente do setor em que suas empresas atuam, o mesmo não ocorre com os CEOs de empresas de energia localizadas nos países centrais. Nesse caso, as perspectivas parecem um pouco mais sombrias, uma vez que apenas 26% desses líderes esperam atingir taxas anuais entre 2,5% e 4,99%, enquanto a grande maioria, 45%, não espera ultrapassar 2,49% ao ano durante o próximo triênio.

Figura Nº 2

Perspectivas de crescimento da receita nos próximos três anos. Empresas de energia da América do Sul e de países centrais e média geral da América do Sul.

Fonte: elaboração própria com base no KPMG 2021 CEO Outlook.



Países centrais - Energia - América do Sul - Energia - América do Sul

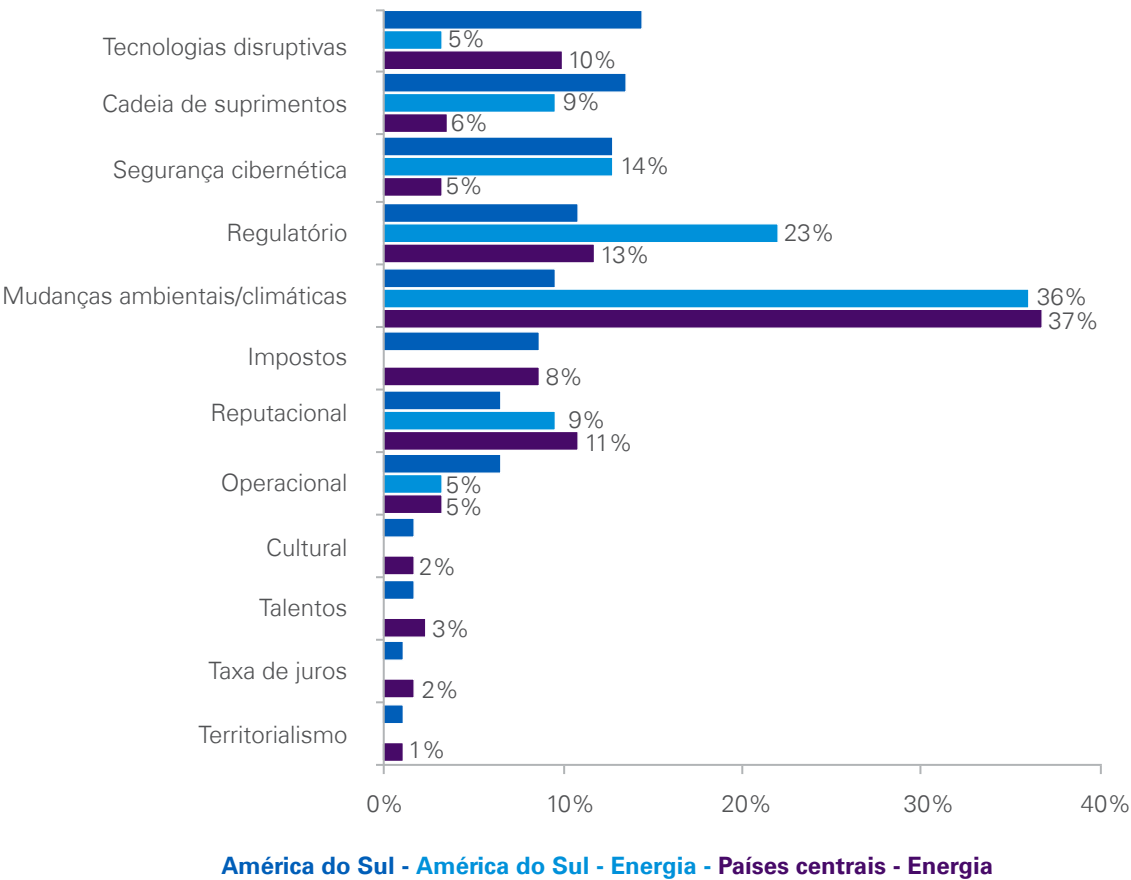
E para atingir esses objetivos de crescimento, tanto a maioria dos CEOs sul-americanos quanto dos países centrais que atuam no setor de energia **planejam apostar no crescimento inorgânico, principalmente promovendo alianças estratégicas com terceiros** (36% e 31%, respectivamente) – especialmente aquelas com provedores de dados e tecnologia cloud, ou a colaboração com *startups* inovadoras e com os diferentes consórcios do setor focados no desenvolvimento de novas soluções. Ao mesmo tempo, os CEOs locais também manifestaram interesse em promover *joint ventures* (27%), uma ferramenta com menor peso entre os executivos dos países centrais (13%), e fusões e aquisições (14%), que são um meio de crescimento com mais adeptos entre os CEOs dos países centrais (26%). Além dos meios indicados, o crescimento orgânico

por meio de investimentos com recursos próprios também assumiu uma parte importante das preferências dos CEOs, uma vez que, em ambos os grupos, ele representou um quarto das respostas (23% e 25%, respetivamente). Nesse ponto, a ideia que a maioria dos CEOs tem em mente é continuar avançando no processo de digitalização das suas empresas, investindo em tecnologia, novos processos e mecanismos de detecção de disrupções. De fato, **73% dos CEOs sul-americanos de empresas de energia pretendem investir seu capital principalmente em tecnologia** para garantir o cumprimento dos objetivos de crescimento nos próximos três anos (**Figura 6**). A partir desses resultados, **conclui-se que a prioridade para o setor é a transformação digital**.

Figura Nº 3

Riscos destacados pelos CEOs de empresas de energia da América do Sul e de países centrais e média geral da América do Sul.

Fonte: elaboração própria com base no KPMG 2021 CEO Outlook.





No entanto, **os executivos também destacaram quais são os principais riscos que acreditam poder prejudicar seus objetivos de crescimento (Figura 3)**. E, nessa seção, a grande maioria dos líderes sul-americanos do setor de energia **destacou o risco associado às mudanças climáticas como o mais importante** (36%) – uma ameaça que não é apenas local, mas também global e, portanto, também destacada por 37% dos líderes neste setor em países centrais – seguido pelo risco representado pelas regulamentações para a atividade neste setor (23%), ameaças cibernéticas (14%), o funcionamento da cadeia de suprimentos (9%) e o risco associado com a disrupção tecnológica (5%). Da mesma forma, e apesar de essas duas últimas ameaças **representarem uma preocupação maior para a média sul-americana** (18% e 19%, respectivamente) **do que para as empresas do setor energético sul-americano**, é importante destacar que a maioria dos CEOs do setor (77% dos executivos sul-americanos e 59% dos líderes em países centrais) concordam que as cadeias de suprimentos foram duramente afetadas nos últimos 18 meses (especialmente pela crise da covid-19) e que, portanto, devem estar atentos à sua operação e às contingências que a nova conjuntura global pode apresentar. Para isso, 65% das lideranças locais e 39% das sediadas em países centrais no setor de energia concordam que a ferramenta mais importante para controlar os danos e tornar a cadeia mais resiliente é o seu **monitoramento profundo e constante**. Do mesmo modo, outra parte dos executivos também buscará **diversificar as fontes de onde seus insumos vêm** (18% e 35%, respectivamente), o que poderia incluir **uma maior dependência ou viés para o abastecimento local** (12% e 14%, respectivamente).

Além disso, e como também é possível perceber a partir das respostas obtidas na pesquisa realizada pela KPMG em 2020, **o propósito continuará sendo um dos pilares em que as empresas devem se apoiar para impulsionar seu crescimento e alcançar os seus objetivos**. No caso do setor de energia da América do Sul, os CEOs avaliam a importância de ter uma estratégia de negócios baseada no propósito, uma vez que isso poderia afetar positivamente o desempenho financeiro da empresa (95%), a reputação da marca (95%) e o engajamento dos funcionários (86%). Parte dessa estratégia reside atualmente **na relevância crescente dos aspectos ambientais, sociais e de governança** (ESG, sigla do inglês *Environmental, Social and Governance*) que, desde antes da crise sanitária e com o impulso que isso significou para as demandas sociais que foram postergadas, passaram de meros conceitos para se transformar em políticas necessárias para o desenvolvimento sustentável de longo prazo de qualquer empresa. Isso ocorre especialmente nas empresas que atuam no setor energético e que estão mais sujeitas ao escrutínio social – principalmente em função do impacto ambiental, que de maneira geral pode ser atribuído, por exemplo, à cadeia de valor do setor de petróleo e gás ou de mineração. Talvez seja por isso, como mostra a pesquisa, que **91% dos executivos sul-americanos do setor de energia concordaram em manter as conquistas alcançadas em termos de sustentabilidade durante a crise sanitária**, ou que 77% deles buscarão focar seus programas de ESG no componente social. **Além disso, esses resultados não são típicos apenas da América do Sul, mas comuns à maioria das regiões do mundo**. De fato, nos países centrais, os CEOs desse setor também estavam em sintonia com essas ideias, já que 84% e 85% deles garantiram que buscarão manter, respectivamente, tanto as conquistas em sustentabilidade quanto o foco no elemento social dos seus programas de ESG.

Paralelamente, a demanda que impulsiona essa mudança e pressiona as empresas a incorporar a sustentabilidade e os demais elementos que compõem as diretrizes de ESG nas suas estratégias de negócios **não é apenas proveniente da sociedade em geral ou dos consumidores e usuários, mas também dos investidores e outros públicos de interesse, como os reguladores, que enxergam nesse movimento a evolução lógica dos mercados e, portanto, dos seus interesses.** De fato, de acordo com a pesquisa da KPMG deste ano, **82% dos CEOs do setor de energia da América do Sul concordaram que as pressões e demandas desses grupos por maior transparência e, principalmente, pela inclusão de relatórios de ESG nos seus processos estão em pleno crescimento.** Os executivos argumentam ainda que o descumprimento ou a não convergência com essas expectativas pode significar a perda de novos mercados (50%) ou levar a uma falta de engajamento dos funcionários e complicações adicionais para encontrar novos talentos – na crise atual existente – ou, simplesmente, a contratação de pessoas (35%) – considerando que as demandas e os valores das novas gerações (*millennials* e geração Z) estão intimamente alinhados com a sustentabilidade, diversidade, equidade e inclusão, entre outros.

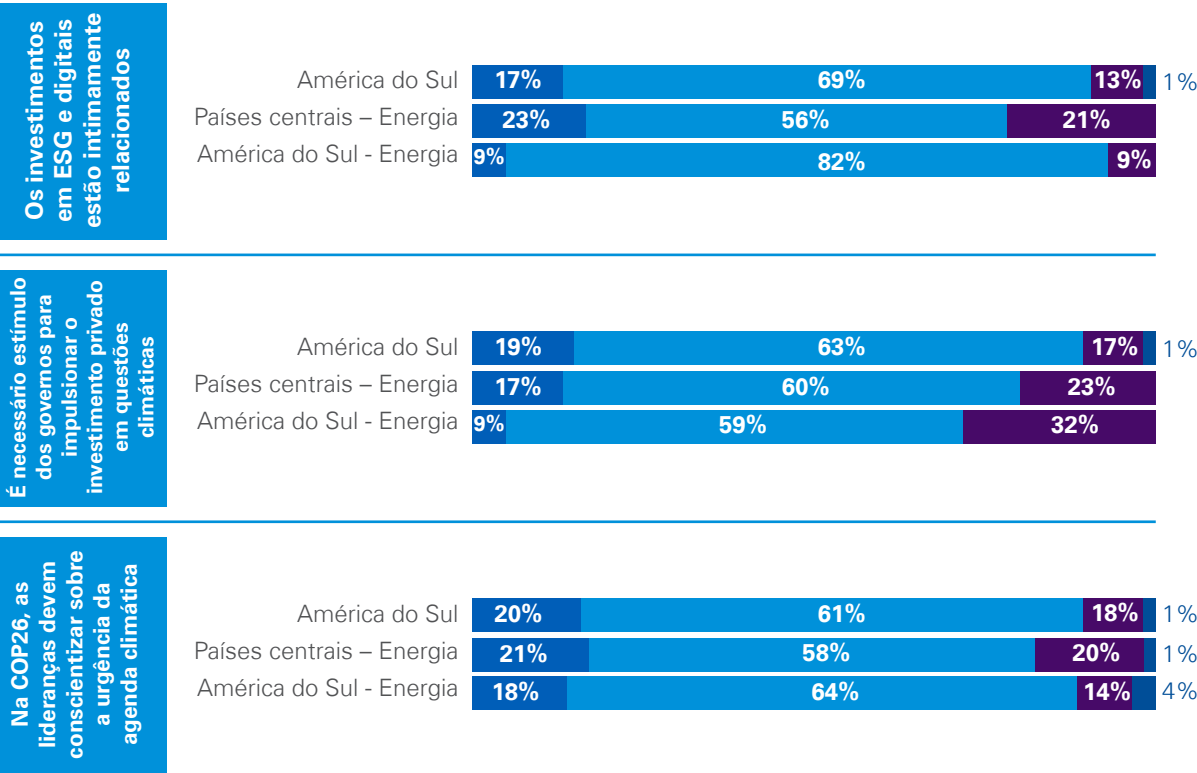
Talvez por isso, os CEOs sul-americanos do setor de energia apontam os benefícios de ser diverso e inclusivo nas suas empresas: **enquanto um terço deles indicou que esses valores ajudam a maximizar o potencial dos funcionários e melhorar seu comprometimento** (uma tendência que foi seguida por 11% dos executivos do mesmo setor em países centrais), 23% argumentaram que eles melhoram o processo de tomada de decisões (17%) e outros 14% que promovem o pensamento criativo e inovador e a geração de novas ideias (14%) ou ainda uma melhor gestão do risco alimentada por diferentes pontos de vista (19%).

Ao mesmo tempo, os entrevistados pareciam ter uma grande expectativa em torno da **Conferência das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas de 2021 (COP26)**, que ocorreu na Escócia em novembro de 2021 (após a realização da pesquisa). Na América do Sul (**Figura 4**), 81% dos entrevistados e 82% dos executivos do setor de energia confirmaram a importância de que os líderes mundiais que participaram neste encontro **transmitam urgência em torno da agenda ambiental**, sendo este um dos principais estímulos necessários para promover o investimento privado em sustentabilidade.

Figura N° 4

Conceitos destacados pelos CEOs para impulsionar a agenda de ESG.

Fonte: elaboração própria com base no KPMG 2021 CEO Outlook.



Concorda totalmente - Concorda - Indiferente - Discorda - Discorda totalmente

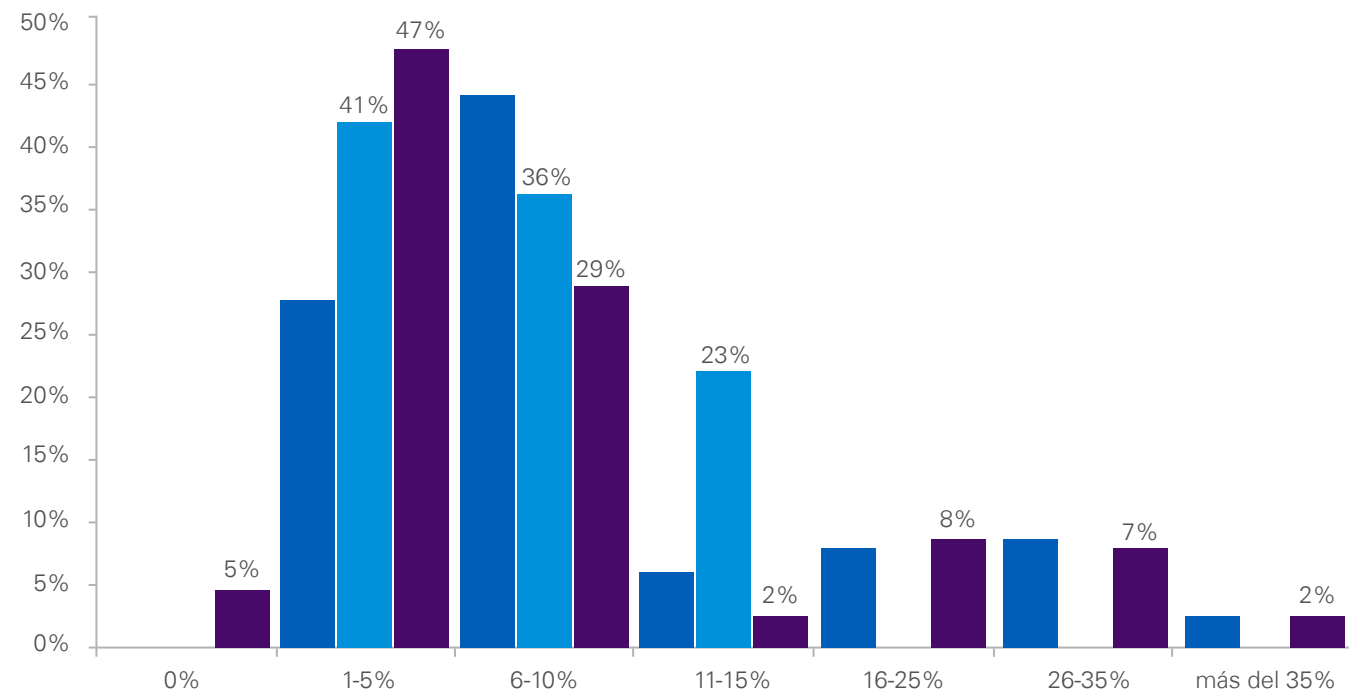


É interessante observar que, em termos de investimento em sustentabilidade, os CEOs sul-americanos do setor de energia parecem estar mais comprometidos com a questão ambiental do que seus pares em outros países (**Figura 5**), já que **36% dos executivos neste setor afirmam investir entre 6% e 10% da receita de suas empresas em programas que as tornem mais sustentáveis** (em comparação com 29% do grupo dos países centrais), **enquanto 23% fariam isso na faixa de 11% a 15%** (em comparação com 2% dos CEOs localizados em países centrais).

Figura Nº 5

Investimentos em sustentabilidade para os próximos três anos como percentual do faturamento das empresas.

Fonte: elaboração própria com base no KPMG CEO Outlook 2021.



América do Sul - América do Sul - Energia - Países centrais - Energia

Da mesma forma, conforme mencionado anteriormente, **73% dos CEOs garantiram que o outro investimento que priorizarão será o das novas tecnologias (Figura 6)** – bem acima do total que optou pelo treinamento dos seus colaboradores (27%), superando inclusive as tendências observadas para o mesmo setor nos países centrais (63%) e no total da América do Sul (65%) ou para a pesquisa como um todo (60%). De certa forma, esse dado revela o peso que o setor de energia está dando a este elemento disruptivo na região, seja pela necessidade de se manter atualizado, seja para entender que isso pode representar uma oportunidade para promover o seu desenvolvimento – de fato, 91% dos executivos deste setor na região consideram que a tecnologia representa mais uma oportunidade do que uma ameaça, tendência compartilhada por 85% de seus pares nos países centrais. Assim, **a pesquisa revelou que os CEOs sul-americanos que atuam neste setor consideram que suas empresas estão mais bem preparadas** para enfrentar um ataque cibernético do que seus pares nos países centrais (73% e 53%, respectivamente), visão que parece ser compartilhada com a maioria das

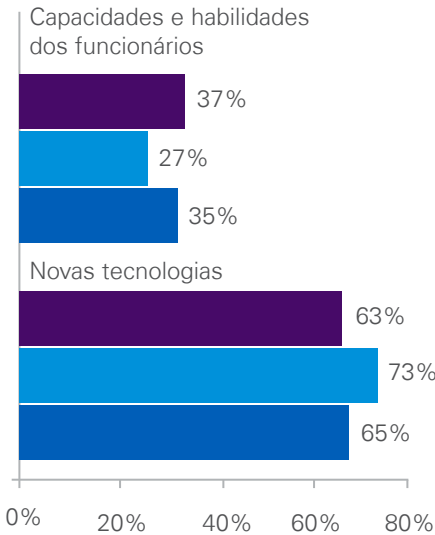
empresas da região (79%). Segundo a pesquisa, uma estratégia adequada em segurança cibernética traz benefícios importantes, entre os quais os líderes sul-americanos do setor de energia destacaram sua relevância para proteger o canal de fornecimento (86%), construir uma cultura de segurança cibernética dentro da empresa (82%), gerar vantagem competitiva (78%) ou, ainda, aumentar a confiança de clientes e investidores (77%). Os CEOs estão pensando, ainda, em como construir resiliência digital para poder enfrentar não apenas ataques cibernéticos, mas outros possíveis problemas, como vazamento de dados privados ou falhas tecnológicas, e dessa forma mitigar os danos à reputação que poderiam ser causados à empresa. Nesse sentido, a maioria dos executivos sul-americanos com empresas de energia estão se esforçando para estabelecer uma sólida cultura de risco digital e cibernético (64%), com foco na segurança e resiliência da cadeia de suprimentos (68%) e reforçando a governança em torno da resiliência operacional (59%), com o objetivo de poder mitigar os impactos negativos destes incidentes e avançar rapidamente.

Figura Nº 6

Investimentos prioritários para os próximos anos e preparação da empresa para enfrentar o crime cibernético.

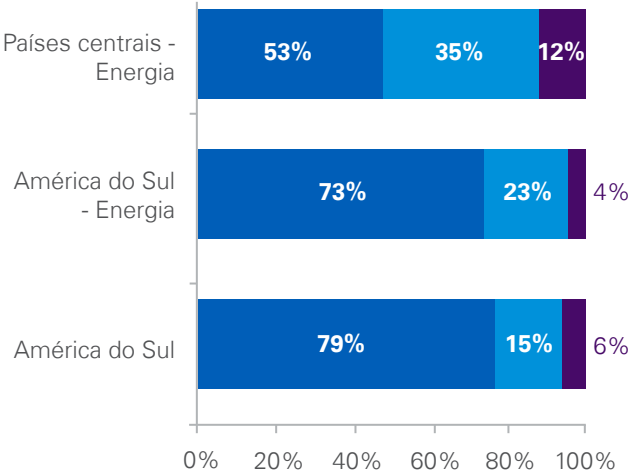
Fonte: elaboração própria com base no KPMG 2021 CEO Outlook.

Prioridades de investimento



Países centrais - Energia  
América do Sul - Energia  
América do Sul

Preparação para um ataque cibernético



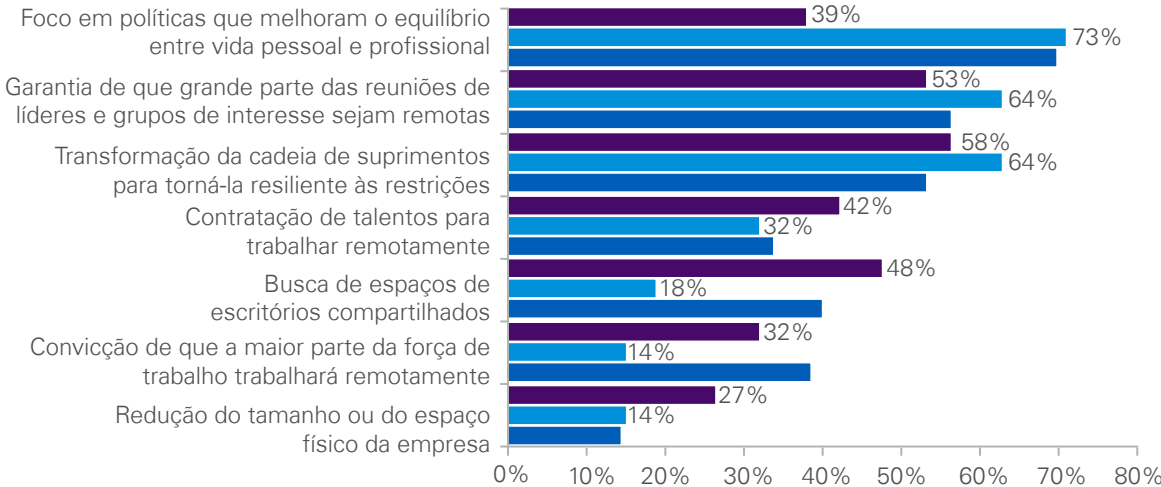
Bem ou muito bem preparado  
Nem tão bem, nem tão mal preparado  
Despreparado ou mal preparado

Finalmente, a pesquisa perguntou sobre quais os efeitos da covid-19 que os CEOs acreditavam ter impactado nas suas organizações, como isso poderia afetá-los nos próximos três anos e quais estratégias eles implementariam para mitigá-los e se-  
 mais resilientes **(Figura 7)**. Neste ponto, a grande maioria dos executivos do setor na América do Sul (73%) destacou, talvez pensando na crise de talentos atual e nos efeitos da pandemia sobre as novas demandas dos trabalhadores, que concentrarão seus esforços na melhoria do equilíbrio entre vida profissional e pessoal (lazer) dos seus funcionários, enquanto outros 64% buscarão assegurar que grande parte das reuniões executivas sejam remotas. Enquanto isso, entre os CEOs dos países centrais, a visão é um pouco diferente: eles buscarão principalmente tornar a cadeia de suprimentos resiliente à possibilidade de novas restrições (58%), talvez priorizando o suprimento local e a diversificação das fontes de insumos e matérias-primas, situação que os países menos desenvolvidos e ricos em recursos naturais já conhecem, mas que atualmente vem ganhando relevância entre os países centrais após o impacto da crise nos canais de distribuição.

Figura N° 7

Impacto de médio prazo da crise da covid-19 na organização e estratégias de recuperação e resiliência operacional.

Fonte: elaboração própria com base no KPMG 2021 CEO Outlook.



Países centrais - Energia  
 América do Sul - Energia  
 América do Sul

# Considerações finais



**Está claro que os CEOs enfrentam grandes desafios nesta nova realidade que está surgindo com a aproximação do término da pandemia da covid-19.** Eles estão comprometidos com o propósito de suas empresas e com a promoção das diretrizes ambientais, sociais e de governança (ESG), não mais como parte de uma estratégia orientada pela conveniência e pelo escrutínio social, mas como uma ferramenta de desenvolvimento e geração de benefícios no médio e longo prazo. Os CEOs buscam impulsionar o crescimento e a prosperidade por meio da agilidade, digitalização e investimento em tecnologia como a única maneira de acompanhar essa corrida frenética impulsionada por processos de inovação contínua, ao mesmo tempo em que visam garantir a capacitação dos seus funcionários. Além disso, eles estão preocupados com a crise de talentos e a necessidade de transformação para atrair a força de trabalho das novas gerações.

**E no que se refere ao setor de energia,** embora as tendências em geral não sejam diferentes do que se observa mundialmente, **há um aprofundamento de alguns elementos que valem ser salientados.** Por um lado, quase todas as lideranças sul-americanas neste setor estão otimistas com as perspectivas de desenvolvimento do setor de energia nos próximos três anos, enquanto mais da metade (55%) estima que suas empresas poderão atingir taxas de crescimento da receita de 2,5% a 5% ao ano. Para isso, elas **apostarão tanto no crescimento inorgânico quanto no investimento de capital próprio, principalmente em tecnologia.** Além disso, os CEOs estão preocupados com os riscos associados às mudanças climáticas, regulamentações, crimes cibernéticos, disrupções tecnológicas e o funcionamento das cadeias de suprimentos. Nesse último ponto, e visando mitigar o impacto das novas crises globais nas suas cadeias, eles buscarão diversificar as fontes de origem de seus insumos, ponderando cada vez mais a oferta local. A pesquisa ainda revelou que **os CEOs deste setor continuarão dando relevância às estratégias de negócios com base no propósito e apoiando as diretrizes de ESG promovidas tanto pela sociedade como um todo, quanto pelos investidores e demais público de interesse,** uma vez que os líderes estimam que elas poderiam afetar positivamente o desempenho financeiro, o engajamento dos funcionários e a reputação das empresas do setor.

De maneira geral, **os resultados da pesquisa deste ano confirmam e continuam moldando as tendências observadas em 2020,** no auge da crise sanitária. Para o setor de energia, há uma importante transição em andamento, que tem sido impulsionada tanto pela crise quanto por uma demanda social cada vez maior, e que está relacionada com as energias renováveis. Nesse sentido, as empresas em geral e as do setor de energia em particular estão atentas aos debates realizados na **Conferência das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas 2021 (COP26),** exigindo quase exclusivamente que os líderes que participaram dela impulsionem de forma exemplar a agenda ambiental global, uma vez que consideram ser crucial estimular os investimentos privados em sustentabilidade e energias renováveis, não apenas no âmbito regional, mas também globalmente. Na próxima pesquisa da KPMG com os CEOs de todo o mundo, que certamente ocorrerá em 2022, será possível revisar e analisar quais foram os resultados dessas demandas e, principalmente, como o setor de energia está se acomodando a esta nova e inevitável realidade.

KPMG na América do Sul, “Uma revisão do impacto econômico da COVID-19 na América do Sul”, KPMG na América do Sul, agosto de 2020.

KPMG, “KPMG 2021 CEO Outlook”, KPMG International, 2021.





# Contato



## Manuel Fernandes

Sócio-líder de Energia e Recursos Naturais  
da KPMG na América do Sul

**[mfernandes@kpmg.com.br](mailto:mfernandes@kpmg.com.br)**

**[kpmg.com/socialmedia](https://kpmg.com/socialmedia)**



Baixe o  
nosso APP



© 2021 KPMG Auditores Independentes Ltda., uma sociedade simples brasileira, de responsabilidade limitada e firma-membro da organização global KPMG de firmas-membro independentes licenciadas da KPMG International Limited, uma empresa inglesa privada de responsabilidade limitada. Todos os direitos reservados.

O nome KPMG e o seu logotipo são marcas utilizadas sob licença pelas firmas-membro independentes da organização global KPMG.